



Revista do Instituto de Estudos  
Brasileiros  
ISSN: 0020-3874  
[revistaieb@usp.br](mailto:revistaieb@usp.br)  
Universidade de São Paulo  
Brasil

Porro, Antonio  
Índios e brancos do rio Amazonas em 1847 páginas de Castelnau inéditas em português,  
traduzidas e anotadas  
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 56, junio, 2013, pp. 281-308  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641278014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

# Índios e brancos do rio Amazonas em 1847

## páginas de Castelnau inéditas em português, traduzidas e anotadas

Antonio Porro<sup>1</sup>

Embora protagonista de algumas das principais explorações científicas do continente americano no segundo quartel do século XIX, Francis de Castelnau e a sua volumosa obra científica e narrativa são pouco conhecidos tanto no Brasil como na França. Nascido em Londres em 1802 (ou 1810 ou 1812, dependendo da fonte), filho natural da nobre francesa Louise-Joséphine de Caumont, refugiada na Inglaterra durante a Revolução, e do então príncipe e futuro rei Jorge IV da Inglaterra, François Louis Nompar de Caumont-La Force, conde de Castelnau, era portanto primo bastardo da rainha Vitória<sup>2</sup>. Suas relações com as elites, britânica antes e francesa depois, lhe facilitaram o acesso, de resto merecido, aos ambientes intelectuais; influenciado por Cuvier, Saint-Hilaire e outros naturalistas, foi um dos fundadores da Sociedade Entomológica Francesa. De 1837 a 1841, viajou longamente por Estados Unidos e Canadá, fazendo observações que resultaram nos livros *Histoire naturelle des animaux articulés* (1840) e *Essai sur le système silurien de l'Amérique septentrionale* (1843). De regresso à França, foi encarregado por Luís Filipe de organizar e liderar uma grande expedição científica às terras baixas e altas das regiões centrais da América do Sul. O projeto francês, observa Bajon, “focalizava essencialmente o Brasil, então muito em voga na Europa, com o duplo objetivo de promover a expansão do mercado capitalista e a formação de um bloco latino e católico que equilibrasse, no Atlântico, a preponderância anglo-saxônica”<sup>3</sup>.

Castelnau escolheu como principais colaboradores o visconde Eugène d'Osery, engenheiro de minas, o zoólogo Émile Deville e o doutor Hugh Weddell, médico e botânico. Em junho de 1843, eles desembarcaram no Rio de Janeiro e em outubro, feitas as observações

<sup>1</sup> Professor visitante do Museu de Arqueologia e Etnologia e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil). E-mail: toniporroi@gmail.com

<sup>2</sup> BAJON, Michel P. Une Expédition méconnue en Amérique du Sud: la mission Castelnau, 1843-1847. In: LAISSUS, Yves (Org.). *Les Naturalistes français en Amérique du Sud, XVIe. – XIXe. siècles*. Paris: CTHS, 2005, p. 259-268.

<sup>3</sup> Idem, p. 260.

científicas nos arredores da cidade e organizada a expedição, partiram para Minas Gerais e Goiás. O primeiro e principal objetivo da viagem era explorar e mapear, no Brasil central, o ainda mal definido divisor de águas entre os afluentes da margem direita do Amazonas, ao norte, e os formadores da bacia do Prata, ao sul. Em 1844, a expedição desceu o Araguaia até o Pará e voltou a Goiás subindo o Tocantins; de lá se dirigiu para Cuiabá e no ano seguinte desceu os rios Cuiabá e Paraguai até a fronteira paraguaia, onde o governo Lopez não permitiu a sua permanência no país. Em todas essas regiões, Castelnau fez bons estudos etnográficos e linguísticos. Do Paraguai, a expedição voltou rio acima até Vila Bela, de onde, em meados de 1845, passou para a Bolívia dando início à segunda etapa da viagem: durante vinte meses foram percorridas grandes extensões deste país e do Peru, fazendo e registrando, como já no Brasil, valiosas observações geográficas, botânicas, zoológicas e etnográficas. Ao descer o caudaloso Urubamba para chegar ao alto Amazonas, Castelnau encontrou-se e conviveu algum tempo, embora sem muita cordialidade, com o artista francês Laurent Saint-Cricq, que numa longa e solitária viagem havia atravessado os Andes e iria descer o Amazonas até Belém; anos mais tarde, sob o pseudônimo de Paul Marcoy, ele iria publicar suas memórias de viagem<sup>4</sup>. Logo a seguir, porém, abandonado pela tripulação e pelos guias, Castelnau perdeu, além do visconde d'Osery, assassinado pelos fugitivos, parte da documentação científica que ele carregava. Em janeiro de 1847, Castelnau entrava novamente no Brasil por Tabatinga para a terceira e última etapa da expedição, até Belém do Pará, mas a fadiga, a saúde precária e a amargura pelas perdas sofridas lhe fizeram acelerar a descida do Amazonas, deixando de fazer, nesse último percurso, grande parte das observações científicas planejadas. Em março de 1847, partiu de Belém em viagem para as Guianas e as Antilhas francesas, onde estavam previstas observações comparativas sobre o trabalho livre e escravo naquelas colônias. De volta à França, Castelnau foi nomeado cônsul da França em Salvador, onde em julho de 1849 concluiu a *Introdução à sua História da viagem*, já em fase de publicação em Paris. Em 1862, regressou à França, e de lá foi enviado em serviço diplomático a diversos países do Oriente nos anos seguintes; como cônsul na Austrália, faleceu em Melbourne em 1880.

Dos seis primeiros volumes da obra de Castelnau, publicados entre 1850 e 1851 com o subtítulo *História da viagem*, o primeiro, o

<sup>4</sup> MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Trad., intr., e notas Antonio Porro. Manaus: Edua, 2001, p. 4-5.

segundo e a primeira metade do terceiro tratam da viagem pelo Brasil central; o restante do terceiro volume, todo o quarto e o primeiro capítulo do quinto tratam das explorações na Bolívia e no Peru; o restante do quinto volume descreve, em 150 páginas, a descida do Amazonas brasileiro, seguida de material linguístico, geográfico e hidrográfico referente a todos os volumes e das subsequentes observações sobre as Guianas. O sexto volume é de autoria do Dr. Weddell, que descreve sua própria viagem e observações sobre a Bolívia. Durante os anos seguintes à publicação da *História da viagem*, Castelnau publicou em Paris, inicialmente em grossos fascículos e mais tarde em sete imponentes volumes, as pranchas, mapas e quadros descriptivos dos materiais coletados e das observações zoo-botânicas, etnográficas e geográficas suas e de seus colaboradores. As ilustrações de espécimes científicos, as vistas e as imagens de tipos humanos foram gravadas pelos artistas Champain e Riocreux a partir de croquis e desenhos de autoria dos viajantes.

Em 1949 a Cia. Editora Nacional publicou, na série Brasiliiana, uma tradução da parte brasileira da *História da viagem*<sup>5</sup>, ignorando porém, inexplicavelmente, além da Introdução, toda a parte amazônica da viagem e o material linguístico, ambos contidos no volume V. O texto que a seguir se apresenta, pela primeira vez em português, consiste em fragmentos do relato da descida do Amazonas por Castelnau nos primeiros meses de 1847 e suas observações sobre povoados, vilas e aldeias ribeirinhas de índios e “civilizados”, precedido pela Introdução geral da obra. Forçado a abreviar esta parte da viagem, Castelnau não chegou a explorar, como pretendia, os afluentes meridionais do Solimões -Amazonas. Procurou compensar a lacuna compilando informações de moradores e comerciantes da região, produzindo quadros de informação geográfica importantes na época, mas que hoje não o seriam e foram aqui suprimidos. Também não se incluíram as descrições de espécies animais e vegetais, uma vez que sua identificação e tradução demandariam um tratamento especializado de zoologia e botânica, nem o material linguístico, que não se refere a grupos ribeirinhos do Amazonas.

---

5 CASTELNAU, Francis de. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Trad. O. M. de Oliveira Pinto. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1949, 2 v. (Brasiliiana, 266-266a).

# Expedição nas regiões centrais da América do Sul, do Rio de Janeiro a Lima e de Lima ao Pará realizada por ordem do Governo francês durante os anos 1843 a 1847 sob a direção de Francis de Castelnau<sup>6</sup>

## Introdução<sup>7</sup>

A história das viagens sempre foi, para mim, objeto de uma viva paixão; ainda menino, os relatos de Cook e de Levaillant tomavam nas minhas mãos o lugar dos contos de fadas; já moço, os meus sonhos eram amiúde frequentados pelas imagens de aventuras distantes e das maravilhas proporcionadas pelos grandes quadros da natureza.

O estudo das ciências naturais, com mestres como Cuvier, Geoffroy de Saint-Hilaire, Brongniart, Élie de Beaumont, de Jussieu, de Blainville, Desfontaines, Duméril, Latreille, etc., veio em breve dar um novo e poderoso estímulo àquela inclinação para a aventura [...].

A oportunidade surgiu, finalmente, de visitar a América do Norte, e embora eu tivesse sempre sentido uma predileção especial pelos países equatoriais, apressei-me a agarrá-la. Cinco anos de viagem fizeram-me percorrer todos os Estados da União Americana, o Texas<sup>8</sup> e o Canadá. As produções desses grandes territórios e as leis do seu povo, que se chama *americano* por excelência, tornaram-se objeto de longos e fascinantes estudos. Antes de partir eu já havia publicado diversas obras de zoologia e ao regressar publiquei as minhas *Vues et souvenirs de l'Amérique du Nord* e o meu *Essai sur le système silurien de l'Amérique septentrionale* [...].

De regresso à Europa [em 1841], fui recebido calorosamente por um príncipe que havia dedicado um interesse tão vivo quanto esclarecido às ciências geográficas<sup>9</sup>; ele lamentou o que chamava de minha deserção e teve a generosidade de me propor a direção de uma expedição científica que o governo francês, sob o seu patrocínio, planejava

6 CASTELNAU, Francis de. *Volumes I a VI: História da viagem*. Paris: P. Bertrand, 1850-1851.

7 Introdução geral da obra original (v. 1, 1850, p. 3-32).

8 O Texas ainda não havia sido incorporado aos Estados Unidos.

9 Tratava-se do príncipe Ferdinand Philippe, duque de Orléans (1810-1842), filho primogênito do rei Luís Filipe.

enviar às regiões mais centrais e menos conhecidas da América do Sul. É desnecessário dizer que aceitei com profundo reconhecimento a missão, que iria finalmente possibilitar-me visitar aqueles países sempre ensolarados e onde a natureza descortina todas as suas viçosas maravilhas [...].

O principal objetivo da expedição seria estudar, em todos os seus aspectos, a grande bacia do Amazonas, destinada a desempenhar um papel importante na futura história da América e que, após o prolongado olvido das nações da Europa, irá um dia assombrar o mundo político e comercial. Eu me propunha atravessar duas vezes o continente: a primeira, partindo do Rio de Janeiro em direção a Lima, procuraria seguir, sempre que possível, a linha do divisor das águas que se dirigem, umas rumo norte, para desaguar no rio Amazonas, e as outras para o sul, indo formar o rio da Prata; e a segunda, na volta, descendo o próprio curso do Amazonas. Através dessas duas seções do continente eu esperava alcançar o objetivo acima indicado: a primeira deveria fazer-me conhecer as nascentes dos afluentes meridionais daquele gigantesco rio e investigar as possíveis comunicações entre as suas águas e as do Paraguai, o que iria permitir uma navegação ininterrupta desde a ilha de Trinidad, a mais meridional das Antilhas, até Buenos Aires; a segunda me permitiria estudar os produtos do Amazonas e as facilidades que o seu escoamento poderia encontrar. Assim delineada, a exploração estaria limitada pela linha do Equador e pelo trópico de Capricórnio, deixando fora todos os afluentes setentrionais do Amazonas; mas deve ser lembrado que, graças aos trabalhos de La Condamine, de Humboldt, de Spix e Martius, de Schomburgk, de Boussingault e de muitos outros sábios, esta parte do novo continente é muito mais conhecida daquela que se estende ao sul da linha equatorial [...].

Esta imensa viagem nos levou a percorrer os mais variados rincões e descortinou diante de nós as regiões mais interessantes da parte tropical do continente americano. Depois de atravessar a região de florestas virgens que margeia o oceano Atlântico, chegamos à dos imensos *campos*, ou planícies cobertas somente por uma vegetação estiolada, que ocupam quase todo o coração do continente. Chegados a Goiás descemos o Araguaia, que era praticamente desconhecido e voltamos pelo Tocantins, que em breve deixamos para atravessar as imensas regiões ermas habitadas somente pelos Xavantes antropófagos e pelos Canoeiros ainda mais cruéis. Uma imensa solidão nos separava de Cuiabá, que alcançamos depois de uma penosa marcha de dois meses; nesta capital do Mato Grosso observamos o fenômeno singular de um ativo centro comercial situado a 400 léguas de qualquer porto e que só se

comunica com o litoral por meio de caravanas cuja viagem de ida e volta demora cerca de um ano.

Uma exploração pelo norte da província de Mato Grosso nos permitiu determinar a posição das nascentes do rio Paraguai, bem como as do Tapajós, e pudemos contemplar ao mesmo tempo os braços de dois dos maiores rios do mundo, afluentes do Prata e do Amazonas, que nasciam aos nossos pés das entranhas da terra. E lá mesmo, como que para tornar ainda mais interessante este curioso lugar, a natureza colocou minas de diamantes cujo valor é diminuto em comparação com as vantagens que o comércio irá extrair um dia desta maravilhosa junção de águas. De regresso a Cuiabá, retomamos logo a viagem descendo o rio desse nome, depois o São Lourenço e por fim o rio Paraguai até a república do [ditador] Francia<sup>10</sup>. Umas excursões pelo *Gran Chaco*, região sempre temida pelos espanhóis, nos permitiu estudar os cavaleiros selvagens que o habitam. Voltando a subir o Paraguai, atravessamos os grandes pântanos de Xaray, totalmente desconhecidos dos europeus, em companhia dos Guatós, raça índia tão curiosa pelo tipo físico como pelo desenvolvimento de suas qualidades morais; atravessando a cidade pestilenta de Mato Grosso, entramos no país dos Chiquitos [na Bolívia], onde pudemos admirar os restos das magníficas missões que os padres da Companhia de Jesus haviam criado em outros tempos [...].

Chuquisaca, a cidade da prata, e o célebre Potosí, nos permitiram interessantes observações e prosseguindo pelos platôs dos Andes, região dos condores e das vicunhas, chegamos a La Paz, onde se achava então a corte nômade ou o acampamento do presidente da Bolívia<sup>11</sup>. De lá chegamos a um dos pontos mais interessantes dessa longa peregrinação: as ruínas da antiga cidade de Tiahuanaco, onde a civilização anterior à chegada dos Incas parece ter alcançado um estágio muito mais adiantado daquele ao qual chegaram os seus conquistadores. O grande lago de Titicaca, origem misteriosa da estirpe desses imperadores peruanos, a cidade de Puno e o vulcão de Arequipa foram outras tantas etapas até chegarmos ao porto de Islay, de onde uma parte da expedição seguiu por mar até Lima, enquanto a outra continuou pelo deserto arenoso das margens do Pacífico.

A cidade dos reis [Lima], durante quatro meses, ostentou aos nossos olhos todo o luxo da sua suntuosa corrupção, e não foi sem amargura que os mais jovens de nós deixaram os seus brilhantes salões e as graciosas

<sup>10</sup> Leia-se Carlos Antonio López, que desde 1843, com a morte de Francia, governava o Paraguai.

<sup>11</sup> Era o general Ballivián.

mulheres enfeitadas dessa moderna Cápua<sup>12</sup> para galgar novamente a cordilheira coberta de neves eternas. Ao passar pela *Viúva*<sup>13</sup> padecemos a crueldade do fenômeno da rarefação do ar nas grandes altitudes [...].

Depois, tendo passado pela famosa ponte suspensa de cipós que os Incas haviam lançado sobre o Apurimac, vimos belas ruínas que anteciparam as que em breve iríamos admirar na cidade imperial de Cuzco. Em seguida, em Ollantay-Tambo, admiramos novas maravilhas do mesmo gênero, para logo descermos nos belos vales a oeste da cordilheira, onde se produz a coca, vegetal cujas maravilhosas propriedades permitem ao índio passar sem qualquer alimento durante longas marchas forçadas de cinco ou seis dias.

Neste ponto chego à parte mais dolorosa da minha viagem, cujas lembranças não posso relatar sem ser tomado por uma profunda tristeza. Tendo embarcado, meus companheiros e eu, no rio Urubamba, fomos abandonados em plena noite por todos os nossos guias, soldados e empregados. Deixados à nossa sorte em meio às favorosas corredeiras deste rio torrencial e sem defesa contra os selvagens hostis que o habitam, achei conveniente despachar para Lima um dos meus companheiros visando pôr a salvo os nossos papéis e instrumentos. A minha escolha recaiu sobre o Sr. d'Osery, merecedor da minha confiança mais absoluta. Este desafortunado jovem nos deixou, para perecer alguns meses mais tarde sob os golpes dos assassinos que lhe serviam de guias. Continuando a nossa viagem nas canoas dos índios, chegamos às missões de Sarayacu, depois de ter sofrido os horrores da fome durante a travessia do Pampa de Sacramento, túmulo de setenta missionários que em diferentes épocas tinham tido a coragem de atravessá-lo.

Em comparação com os trabalhos passados, a nossa descida do Amazonas ao longo de umas 800 léguas foi uma viagem de recreio. Os magníficos produtos deste belo rio nos proporcionaram incontáveis objetos de estudo, assim como as raças caribes que habitam as suas margens com seus costumes singulares. Chegando a [Belém do] Pará, embarcamos num vapor que o governo brasileiro, com a benevolência a que me acostumara no decorrer de toda a minha viagem, havia colocado à minha disposição e chegamos a Caiena, onde o Sr. Deville caiu adoentado. Quanto a mim, encarregado pelo nosso governo de estudar as diferentes condições de trabalho existentes nas colônias livres e

---

<sup>12</sup> Refere-se às “delícias de Cápua”, que no inverno de 215 a.C. debilitaram o exército de Aníbal acampado nesta cidade do Sul da Itália.

<sup>13</sup> Passo dos Andes, que no original, também grifado, o autor chama de *Viuda* (viúva em espanhol).

naquelas com escravatura, visitei Suriname e Demerara [Guiana], passando depois a Barbados, Santa Lúcia e Martinica, onde me detive algum tempo; percorri em seguida, rapidamente, as pequenas Antilhas até Saint Thomas, de onde um navio a vapor inglês me levou de regresso à Europa [...].

A obra que agora dou à publicação e que vem a ser o meu relato pessoal se compõe do diário da viagem com os resultados das principais observações científicas [...]. Ela não deve ser considerada mais que uma introdução aos trabalhos de maior fôlego para os quais reunimos diferentes elementos: sobre a geografia do interior da América do Sul, sobre a sua formação geológica, sobre as plantas e os animais que a habitam e sobre os antigos monumentos da raça incaica do Peru e da Bolívia.

A crise financeira que se seguiu aos eventos políticos de 1848 não é a única razão da demora havida na publicação desta obra; eu chegara de volta à Europa num estado de saúde que durante muito tempo não me permitiu qualquer espécie de trabalho: fiquei durante um ano quase cego. Hoje, finalmente de volta ao Brasil, onde exerço a função de cônsul do governo francês, sou obrigado a realizar um trabalho considerável sem qualquer tipo de apoio e privado da literatura indispensável; só me resta pedir mais uma vez a indulgência do público para uma obra escrita em circunstâncias tão desfavoráveis.

[Salvador,] Bahia, a 1º de julho de 1849.  
F. de Castelnau

## Volume V De Pebas a Tabatinga<sup>14</sup>

Parti de Pebas a 23 de dezembro de 1846 [...]. Zarpamos às onze horas da manhã levando mais um barco com seis homens e às quatro da tarde chegamos ao povoado de Cochiquinas, na margem direita do Amazonas, situado sobre uma barranca de solo argiloso como o de Pebas e composto de uma dúzia de casas; a do governador é grande e bastante boa [...]. A população da aldeia se compõe de 35 famílias perfazendo cerca de 180 pessoas, todas da nação dos Mayorunas. Uns índios selvagens chamados Marovas [Marubo] vêm com frequência ao povoado; andam nus e vivem nas margens do rio Cochiquinas, que só pode ser navegado por canoas muito pequenas por três ou quatro jornadas. São

<sup>14</sup> Capítulo 56 do original, p. 38-58.

uma [sub]tribo dos Mayorunas e estão em guerra com os antropófagos do Ucayali que lançam seus ataques até as nascentes daquele rio, o qual recebe somente dois ou três riachos insignificantes.

O povoado atual situa-se acima da embocadura do rio, defronte a uma ilha chamada Mayro. No lugar do antigo povoado há uma granja composta de cinco ou seis casas, onde para nossa surpresa vimos duas vacas e alguns porcos; vimos também pela primeira vez o belo [gali-neo] agami de asas brancas.

No dia 24 partimos às nove da manhã e às cinco da tarde chegamos ao povoado de Peruaté, na margem direita do Amazonas, à entrada de uma quebrada do mesmo nome. À nossa chegada encontramos uma canoa cheia de índios Tukunas completamente nus. A aldeia se compõe de uma dúzia de casas e a do governador é tão miserável quanto as outras [...]. Às duas horas da madrugada chegamos à ilha de Moromorote e entramos num canal estreito chamado Atacuary, onde fica a missão de Caballo Cocha, [...] situada num terreno perfeitamente plano; ela se compõe de uma dúzia de casas semelhantes às de Iquitos e habitadas por uma centena de índios Tukunas. Na verdade esta população é flutuante, porque esses selvagens, depois de passar algum tempo nas missões, regressam para a mata e são logo substituídos por outros. O chefe, ou Curaca, era um homem muito inteligente que falava bem o espanhol [...].

Os Tukunas são muito numerosos nas matas dos arredores e se estendem até o rio Javari, onde estão em guerras contínuas com os Mayorunas. A lagoa de Caballo Cocha é muito extensa e recebe ao sul um riacho assaz grande. Não me demorei no povoado mais que duas horas e parti para Loreto, onde cheguei às duas horas da tarde [de 25 de dezembro]. Esta localidade é hoje a última das de raça espanhola sobre o Amazonas; antigamente a sua fronteira chegava até São Paulo de Olivença, mas os portugueses foram aos poucos subindo até Tabatinga. O povoado se avista desde longe, estando sobre uma colina da margem setentrional do Amazonas fronteiriça à grande ilha de Cacao. É formado por onze casas muito afastadas entre si, num terreno tão irregular que com as chuvas torna-se escorregadio a ponto que seus moradores mal podem se visitar sem correr o risco de afogamento pelo caminho. A população se compõe de oitenta pessoas, quase todas portuguesas ou brasileiras; há um negro, mas nenhum índio. A capela é pequena mas decorosa e o povoado todo de Loreto mostra um certo asseio e bem-estar que não se encontram rio acima; pela primeira vez desde que saímos de Cuzco conseguimos carne de boi fresca. O nosso hospedeiro me presenteou com alguns belos animais, entre eles um bom exemplar de Penélope chamado uru-mutum. Encontrei o Sr. Deville hospedado junto

ao Sr. Henrique de Souza, negociante português, que me recebeu muito bem. O comandante de Tabatinga também estava em visita naquela casa. Um morador do povoado, o Sr. Santi, ainda estava mancando devido a uma ferida profunda que lhe infligira um jacaré.

No dia 28 deixamos Loreto às onze da manhã. A cada instante encontrávamos canoas conduzidas por Tukunas e às três da tarde avis-tamos Tabatinga, [...] situada em solo elevado; durante as chuvas fortes está cercada de água, porque o rio penetra numa profunda ravina que se estende atrás do povoado. Não há, propriamente, um forte, mas dois belos canhões de bronze de origem portuguesa estão dispostos em bateria sobre o rio. As casas feitas com folhas de palmeira em que reside a guar-nição estão dispostas ao redor de uma pequena praça; há uma capela, mas não há padre. Atrás de Tabatinga corre um riacho grande que nasce perto de Loreto e deságua no Caldeirão; nesta localidade encontramos o comandante, que tem a patente de capitão e cuja mulher também reside no posto militar. O restante da guarnição é constituída de seu filho, com o grau de cadete, e de uns trinta soldados; algumas mulheres índias completam com eles a população.

Do outro lado da ravina há uma dúzia de cabanas dos índios Tukunas; eles passam a maior parte do tempo na mata e nos dias de festa reúnem-se neste local perfazendo, nessas ocasiões, de duzentas a trezentas pessoas. Estes selvagens vivem nus, mas a maioria usa nos braços uns curiosos braceletes feitos de um buquê de plumas em forma de roseta, de uma bela cor de laranja, obtido da cauda de uma variedade de acari [araçari?]; eles lhes sobrepõem outro buquê de plumas esvoaçantes tiradas das asas do savacu, atrás das quais aparecem as longas penas da cauda da arara vermelha. Alguns levam ao pescoço um duplo colar de dentes de tigre [onça] ou de macaco; outros ainda têm sobre as bochechas dois traços negros transversais; levam uma folha presa nas costas. Há entre eles alguns índios Cocamas, cujo único adereço são braceletes de plumas de papagaio. Os Tukunas têm alguns costumes bizarros; quando as meninas chegam à puberdade lhes arrancam todos os cabelos. Já os rapazes, antes de serem admitidos entre os guerreiros, devem passar por provas rigorosas; assim como entre os Maués, junta-se nessas ocasiões, numa espécie de cesto, grande quantidade de formigas de uma espécie cuja picada causa dores terríveis; o rapaz deve enfiar o braço no cesto e deixá-lo por alguns minutos sem nenhuma queixa. O sofrimento é tal que ele geralmente desmaia e é acometido de febre; logo após a operação as mulheres cuidam dele esfregando-o com uma erva especial.

Junto à margem do rio há uma guarita de onde as sentinelas observam as embarcações que passam e que neste ponto são obrigadas a

parar; logo acima, são visíveis os restos de um antigo bastião. O comandante se queixava muito dos índios, que dizia serem preguiçosos e insubordinados; o seu chefe era um velho que falava português e cujo pai havia sido lugar-tenente nas tropas coloniais. Neste lugar vimos algumas vacas que, como as de Loreto, eram pequenas e mansas; vimos também uma raça de porcos muito comum no Amazonas; são magros, de patas longas e de cor amarela salpicada de preto. Durante a nossa estadia, as chuvas foram praticamente contínuas; duravam em geral o dia inteiro e eram mais frequentes à tarde, sempre acompanhadas de trovoadas [...].

Enquanto o Sr. Deville fazia uma excursão pelo rio Javari, cuja embocadura está imediatamente abaixo de Tabatinga, eu procurei colher informações geográficas sobre a região. A vila de Caldeirão, de Smyth e Lowe<sup>15</sup>, não existe e não há sequer uma cabana no lugar onde eles a mencionaram. Por outro lado, os índios Tukunas têm muitos assentamentos pelo interior e mantêm caminhos pelos quais se comunicam com Tabatinga e Loreto. Alguns mapas indicam uma localidade com o nome de Tapera de Javari; o próprio nome “tapera”, que significa casa abandonada, mostra que este sítio não existe mais. Não se conhece o paradeiro do antigo marco que estava nas proximidades desse rio<sup>16</sup> [...].

### De Tabatinga à Barra do Rio Negro<sup>17</sup>

Deixamos Tabatinga a nove de janeiro [de 1847], às onze da manhã, em duas belas canoas tripuladas por soldados que o comandante do posto nos emprestara. Aquele oficial também insistiu em nos prover das roupas mais necessárias. Zarpamos ao mesmo tempo que o Sr. Henrique, o negociante português de Loreto que quis nos acompanhar até São Paulo [de Olivença]. Pouco depois passamos pelo pequeno rio Baruri, que se lança no Solimões logo abaixo de Tabatinga. Uma hora mais tarde chegamos à boca do Javari e à tarde pousamos junto ao pequeno rio Newaka, onde vimos diversas canoas de Tukunas. Estávamos algo abaixo do local indicado no mapa de Smith e Lowe com o nome de Tapera de Javari. Durante a noite caiu um forte temporal e, sendo a cobertura das canoas deficiente, ficamos inteiramente molhados. À meia-noite passamos pelo Caldeirão, onde não há mais casas, e ao raiar do dia chegamos ao povoado cocama

<sup>15</sup> SMYTH, William; LOWE, Frederick. *Narrative of a journey from Lima to Pará across the Andes and down the Amazon*. Londres: J. Murray, 1836.

<sup>16</sup> Refere-se ao marco da fronteira luso-espanhola mandado instalar pela Comissão de limites em 1781.

<sup>17</sup> Capítulo 57 do original, p. 59-81.

de Jurupari (ou do Diabo), situado junto à ilha do Jacaré; aqui vimos muitas cobras venenosas.

O povoado de Santa Rita não existe mais. Às quatro da tarde [de 10 de janeiro] chegamos a São Paulo, ou Olivença, constituída de umas sessenta casas ruins sobre uma barranca bastante alta. A sua disposição, por outro lado, é muito boa, porque a mata ao redor foi derrubada para formar um pasto para o gado, e a floresta que forma o fundo da paisagem se assemelha a um belo parque inglês. Do lado do rio a vista também é notável: imediatamente abaixo da vila há uma ilha e os dois grandes braços do Amazonas que ela forma, ao se reunirem criam uma paisagem muito pitoresca. A população se compõe de uns quatrocentos moradores, todos índios ou mestiços com exceção de uns vinte brancos. Fomos recebidos pelo juiz de paz, um ancião de oitenta anos. O comandante, que vimos a seguir, era um mulato escuro. Hospedamo-nos numa casa que nos havia sido preparada e fomos deitar esperando poder passar uma noite tranquila, quando sobreveio um temporal que, devido à precária cobertura, nos molhou até de madrugada. O nome completo do povoado é São Paulo de Olivença. Sobre os rios dos arredores consegui as seguintes informações. O Jandiatuba tem sido navegado rio acima durante três meses por pessoas à procura de salsa-parrilha, o que deve corresponder a não mais que 70 ou 80 léguas. As suas margens são habitadas, a partir do Amazonas, pelos Juris, que são batizados e têm uma aldeia junto à embocadura, por Tukunas, Araicus [Waraikus] e Mayorunas. A nação dos Comberas [Cambebas?], indicada nos mapas, está hoje extinta [...].

O Cano de Jacupará, que deságua [defronte e] pouco acima de Olivença, se comunica com o Putumayo [Içá] uns dez dias a montante. Aqui os chefes índios, que nas partes espanholas são chamados Curacas, têm o título de Tuxauas. Um dos soldados que nos acompanhavam gabava-se de ser grande conhecedor do veneno dos índios; ele o comprovou colocando-o sobre a língua e disse que quando era bom ardia como pimenta. Ele nos deu algumas informações sobre o modo como os Tukunas fazem este veneno. Eles empregam os [mesmos] dois cipós dos Orejones, mas dão ao Ramon o nome de Gouré e ao Pani o de Caucticutuma. Eles põem a ferver diversas espécies de formigas, que chamam tocandira e tachí<sup>18</sup>. A primeira é a espécie grande que no Peru é conhecida como issula. Lhes acrescentam umas centopeias e um tipo especial de perereca verde e misturam tudo à infusão de cipós; é pouco provável que isto

<sup>18</sup> Segundo o *Dicionário dos animais do Brasil* de Rodolfo von Ihering, que registra “tachi” (gen. *Pseudomyrna*) e a grafia variante “taxi”. Costuma infestar a árvore que por isso é conhecida como “tachizeiro” e o seu nome dá origem ao do “tachuré”, uma ave que se alimenta dela, conhecida também como “caga sebo”.

produza qualquer virtude, embora esta seja a crença no país. Às vezes também acrescentam outro ingrediente, feito com a raiz de um arbusto chamado jacamim-reteuma [erva de jacamim?]. O contraveneno (e se nos assegura que o sal não é eficaz nesse caso) é um cipó conhecido pelo nome turacuá-cipó, que é encontrado sempre recoberto por um tipo de formigas cuja picada é muito forte; depois de lavar a ferida espreme-se sobre ela o sumo do cipó.

Durante toda a nossa permanência em São Paulo de Olivença choveu sem interrupção e darei uma ideia das diversões de que desfrutamos dizendo que as onças vinham à noite e devoravam os cães pelas ruas. O comércio local é pouco expressivo; o principal artigo de exportação é a farinha de mandioca, que vale aqui uma piastra<sup>19</sup> o cesto e que é vendido por quatro piastras na Barra do Rio Negro. Os bens importados de rio acima [deve entender-se “de rio abaixo”] são o tocuyo [tecido de algodão], o tabaco e o sal; este último vale aqui duas piastras por pedra [...].

Partimos no mesmo dia [16] às onze da manhã e às seis da tarde paramos na casa de um morador, na boca de um riacho defronte à ilha Chica. Junto à sua casa havia belas árvores floridas onde esvoaçavam muitos beija-flores. Às duas horas da madrugada, passamos pelo povoado de Matara [Amaturá], onde ouvimos o latido de cães. Na manhã do dia 17, alcançamos o rio Putumayo [Içá], em cuja boca algumas ilhas desenham uma bela paisagem. Pelas nove horas paramos no povoado de Santo Antônio [do Içá], composto de onze cabanas miseráveis e uns trinta habitantes, todos índios ou mestiços salvo um único branco. Ao desembarcar ouvimos um tiro de espingarda na mata próxima, e instantes depois quatro homens saíram dela carregando uma onça que tinham caçado. Pode-se dizer que toda esta pequena localidade pertence a um homem de Moyobamba [no Peru], Don Juan Jacinto Rodriguez, em todos os sentidos superior a tudo que havíamos visto ultimamente. Ele nos recebeu com muita hospitalidade e não pudemos deixar de admirar a belíssima vista que se descortinava da sua casa, tanto sobre o Amazonas como sobre o braço de água que leva ao povoado. Nos arredores vivem os índios Miranhas.

Às quatro da tarde chegamos à pequena localidade de Tonantins, de catorze casas, várias delas caiadas; dispõem-se muito afastadas umas das outras, à margem do rio de mesmo nome. Moram aqui cerca de dezoito brancos e uns quarenta mestiços. Nos arredores encontram-se índios Kayuishanas, Chumanas [Yumanas] e Pasés; são todos nus, mas muito doces no trato. Os dois últimos costumam pintar de preto uma

---

19 Antiga unidade monetária ainda em uso no Mediterrâneo no século XIX.

parte do rosto, especialmente junto à boca; têm partes do corpo pintadas de vermelho e bastões espetados nas orelhas. Pelo interior vivem índios Juris, igualmente muito mansos [...]. Durante toda a noite tivemos um forte temporal. Às nove da manhã do dia 18 chegamos à ilha de Aroté [Urutuba], famosa pela quantidade de ovos de tartaruga que lá se recolhe durante a estação seca. Era habitada, quando passamos, por cerca de trinta homens, mulheres e crianças, negros e mulatos, empenhados há cinco meses na pesca de tartarugas e peixes-boi e tinham erigido uma dúzia de cabanas de palha absolutamente insuficientes contra a chuva. Os restos de peixe atirados à água haviam atraído uma multidão de jacarés e os pescadores disseram que muitos dos que eles haviam conseguido matar apresentavam na cauda mutilações e sinais de mordidas de onça [...].

A ilha [Urutuba] que deixamos situa-se defronte à foz do Auatí-paraná, um dos braços do Japurá. Este rio é considerável e, neste ponto, as águas do Amazonas estavam a tal ponto agitadas, sem dúvida pelo encontro das duas correntezas que formavam ondas consideráveis, que nossa embarcação, demasiado carregada, esteve em perigo. Às seis da tarde paramos na boca do Jutaí, que me pareceu ter o dobro da largura do Sena em Paris. Aqui vimos muitos pirarucus, ou *Vastus gigas*. Esperei o Sr. Deville, que só me alcançou às oito da noite, e continuamos nossa viagem apesar da escuridão. Este percurso foi perigoso não só pelo forte temporal que caiu, mas pelos enormes troncos de árvore carregados pela correnteza, que podiam atingir a embarcação.

No dia seguinte, às nove da manhã, chegamos a Fonte Boa, passando por um canal, ou furo, de umas 2 léguas de comprimento. A vila situa-se sobre o pequeno rio Cayaraí, que nasce num lago a breve distância; ela se compõe de 29 casas com cerca de setenta habitantes; as casas estão dispostas em quadrado e, na praça formada no seu meio, vê-se uma igreja pequena e em mau estado diante da qual está fincada uma grande cruz. O subdelegado é um branco da própria vila. Na outra margem do rio há uma grande casa que serve de pesqueiro. As únicas plantações que vimos eram de mandioca. Em todas as vilas brasileiras do Amazonas existe uma milícia perfeitamente organizada, chamada guarda policial [nacional], que deve sua origem aos massacres que se seguiram ao movimento insurrecional de 1835 [...].

No dia 22, partimos às nove da manhã e às duas e meia da tarde passamos pela foz do rio Juruá, cujas águas são brancas [...]. Tomamos nossa refeição da noite quase em frente à boca do Japurá e, à meia-noite, chegamos à pequena localidade de Caiçara [Alvarães], palavra que na língua geral significa curral, ou grande pátio onde se confinam os

animais. Tinha sido, de fato, o principal mercado de escravos índios, onde eles eram guardados num grande recinto daqueles. Por fim, no dia 23 às três horas da manhã, entramos em Ega [Tefé], à margem de um grande lago. A cidade conta cerca de 1.600 habitantes e ergue-se numa praia arenosa na extremidade sudeste do lago. As casas alinharam-se em duas ou três ruas paralelas, são bastante asseadas e pintadas em diferentes cores com argilas coloridas; em quase todas armazenava-se salsaparilha, da qual todos fazem comércio nesse lugar. Vimos com surpresa que, num país onde a cana cresce praticamente sem trabalho, ninguém se dedica ao seu cultivo, e tanto o açúcar como a cachaça chegam do Pará. Com isso, o primeiro vale um franco e cinquenta centavos a libra, e a segunda três francos a garrafa.

Na extremidade do lago deságua um rio conhecido pelo nome de Tefé. Voltarei a mencioná-lo quando, na Barra do Rio Negro, estiver analisando as informações obtidas nas diversas localidades ao longo do Solimões. Nas margens do lago de Ega, observei fragmentos de argilas xistosas e foi-me dito que tais rochas se encontram no alto curso do rio. Alguns idosos moradores do lugar me falaram de uma tradição comum entre os índios, segundo a qual certas mulheres haviam outrora constituído repúblicas independentes às margens do Amazonas; que elas pertenciam à nação hoje extinta dos Solimões e que a elas deviam ser atribuídos certos machados de pedra verde encontrados amiúde quando as margens do rio chegam a desmoronar e dos quais me deram diversas amostras. Essa tradição é tanto mais curiosa pelo fato de não ter eu encontrado ninguém, no país, que soubesse ser a história das Amazonas muito popular na Europa, e porque os moradores ribeirinhos só conhecem o seu rio pelo nome de Solimões [...]. O comandante de Ega nos fez uma agradável surpresa mandando preparar para nós uns pães, que não havíamos mais comido desde Cuzco.

Fizemos uma excursão ao povoado de Nogueira, na outra margem do lago em frente a Ega. O lago tem cerca de duas léguas de largura e a travessia demorou duas horas; não há correnteza a não ser na embocadura, e mesmo lá apenas se faz sentir. Em Nogueira há cerca de quatrocentos habitantes; as casas são medíocres e o seu aspecto só é alegrado por alguns belos coqueiros. Aqui vimos alguns índios Juris. Antigamente havia nos arredores índios Muras muito hostis aos moradores [...]. Diversos moradores de Ega já tinham subido o rio Japurá numa grande distância e um deles escapara de ser devorado pelos selvagens. Naquele rio há somente um estabelecimento cristão; é o de Santo Antônio de Marapi, constituído de três cabanas [...].

Ega é muito malsã; reinam nela, em continuidade, sezões intermitentes e males do peito. Um morador da região, que exercia a medicina embora confessando ser um simples amador, lamentava não poder dar alívio aos seus pacientes por não ter como fazer vesicatórios [...]. Eu pude ver, com pesar, os entraves que o governo da província, pouco esclarecido, coloca ao desenvolvimento do comércio no Amazonas. É preciso ter uma licença que custa 40 mil réis por ano para cada tipo de mercadoria que se quer vender, o que faz com que não se encontre quase nada com os comerciantes. Além disso, é proibido, sob pena de uma multa de 100 mil réis, vender qualquer coisa aos domingos, de modo que por vezes há moradores que passam fome naquele dia. Todos os barcos que navegam pelo rio pagam anualmente mil réis por tonelada, mais uma taxa fixa de 4.800 réis por viagem para a [Santa] Casa de Misericórdia [de Belém] do Pará. Em nome da Matrícula dos Índios, recolhe-se ainda uma taxa de 540 réis por viagem por cada um dos homens que compõem a tripulação. Por fim, o imposto de exportação sobre todos os produtos chega a cerca de 13%. Um dos grandes obstáculos para o desenvolvimento do comércio desta região é o costume, que quase todas as autoridades têm, de fazerem elas mesmas o comércio. Desta forma, quem quiser empreender alguma operação relevante terá que combater a má vontade sempre presente e, às vezes, a força bruta.

A 2 de fevereiro deixamos Ega em duas embarcações: uma muito grande, conduzida por nove remadores, todos soldados, e a outra menor, com somente cinco [...]. Ao raiar do dia estávamos defronte a Carapanã [Carapanatuba], que é a grande ilha sem nome do mapa de Smyth [...]. Devido à força do vento só conseguimos avançar com muita dificuldade; talvez por isso a ilha de Camará-Coari nos pareceu muito maior do que aparece no mapa de Smyth. Às dez da noite, sempre sem ter comida, adentramos o lago de Coari e nos aproximamos de umas casas situadas na sua margem oriental, a um terço de légua da entrada. Só com muito trabalho conseguimos acordar os moradores, mas eles se recusaram a nos ceder qualquer mantimento. Como eles asseguraram que a nossa outra embarcação ainda não havia passado, dei somente algumas horas de descanso aos remadores e continuamos a viagem [...] [até que], às nove da manhã, o outro barco nos alcançou [...]. Estavamos agora à vista da ilha das Araras, alta e coberta de árvores grandes, mas livre de arbustos; atrás de nós estendia-se um belo lago. Há duas ilhas de Camará; a maior delas é a primeira que se encontra. No dia 5, pela manhã, passamos defronte à embocadura do lago de Codajás, e por volta das nove horas, desembarcamos para desjejuar numa praia próxima à ilha Caxuará, defronte à terceira boca do rio Purus, que no

mapa de Smyth é indicada bem mais a jusante. Por volta das cinco da tarde paramos na boca principal do Purus, extraordinariamente grande e pelo menos igual à do Ucaiale [...].

No dia 6, ao alvorecer, estávamos defronte à ilha de Marrecão [a montante de Manacapuru], e ao meio-dia chegamos ao pequeno povoado de Pesqueira, sempre com chuva e vento contrário. Defronte a esta localidade percebe-se uma espécie de corredeira, provavelmente causada por rochas: era o primeiro indício de pedras que encontramos desde que entramos no Amazonas. Duas léguas adiante passamos por um assentamento de oito ou nove casas, chamado Amandio, sobre uma ribanceira muito elevada da margem setentrional. Um pouco abaixo dele, sempre na mesma margem, encontramos rochas aflorando. Continuamos a ver casas esparsas e, às quatro da tarde, paramos num belo sítio pertencente a um morador da Barra, o Sr. Pinto. Logo abaixo, sempre na margem esquerda, há um caldeirão; chamam-se assim os redemoinhos formados por correntezas circulares geralmente muito perigosas. Decidimos atravessar o rio para evitá-lo, mas chegando à metade uma violenta ventania nos empurrou em direção do caldeirão colocando-nos em sério risco. Por fim conseguimos nos abrigar atrás de uma ilha. Durante toda a noite seguimos viagem sob chuva e ao alvorecer chegamos à embocadura do rio Negro. Subimos por ele, que tem largura semelhante ao Solimões, mas tem menos correnteza e águas escuras. Pelas onze horas da manhã entramos na Vila da Barra [Manaus].

### **Da Vila da Barra a Belém do Pará<sup>20</sup>**

A Vila da Barra, situada em terreno acidentado, é cortada por três riachos grandes, todos eles atravessados por pontes de madeira. É constituída de umas 150 casas e 3 mil moradores; a comarca toda tem 7 mil. Encontramos ali três cavalos e três jumentos, os primeiros animais desse gênero que vimos desde que deixamos o Peru. A vila tem duas igrejas e muitas boas casas, diversas delas assobradadas, mas cobertas com telhas tão mal ajustadas que chove em quase todos os cômodos. Há somente uma praça e as ruas são de traçado irregular; muitos edifícios em ruínas são testemunhos de uma antiga prosperidade. Não há um mercado e as provisões são escassas. O solo é arenoso, o que faz com que não haja lama pelas ruas. Na vila fomos muito bem recebidos e o comandante militar, João Henrique de Mattos, que tinha a patente de

---

<sup>20</sup> Capítulos 58 e 59 do original, p. 82-107 e 108-167.

general de brigada, nos acolheu com extrema polidez; era de idade avançada e recebera uma educação excelente. A guarnição é constituída por cerca de quarenta homens e há um batalhão de guarda policial. Mais uma vez ficamos chocados com a ausência de livros que se observa em todas as vilas brasileiras; nesse aspecto os países hispânicos são muito mais avançados.

Antes de me estender sobre a nossa permanência na Barra, vou tratar das informações que consegui sobre os afluentes do Solimões situados entre o Jandiatuba e o Madeira [...]. No seu alto curso, [o Jandiatuba] é habitado por índios Waraikus, enquanto no baixo curso há somente Tukunas [...]. Entre o Jutaí e o Solimões é dito que ainda se encontram, na margem esquerda do primeiro, restos da nação dos Muras [...]. As nações que habitam o Jutaí são, procedendo da foz para as nascentes, os Marawas, que têm costumes mansos e que na maioria usam indumentos; os Katukinas, encontrados especialmente no rio Biá; os Waraikus, os Tuchinawas e os Burués. Estes últimos parecem ser uma tribo dos Katukinas; eles têm o costume singular de se praticar um certo número de orifícios ao redor da boca e inserir neles uns pauzinhos semelhante a fósforos; eles dizem ter comunicação com o rio Javarí [...].

Em Fonte Boa encontrei um certo Francisco Manoel da Cruz, que me disseram tinha subido o Juruá numa grande distância [...] certa vez durante mais de nove meses. De acordo com este homem, as nações do Juruá são, da foz para as nascentes, na seguinte ordem: os Marawas, os Katawishes, os Arawas, que são hostis; os Kulinos, em parte hospitaleiros e em parte hostis; os Kanamaris, que seriam os mesmos que os Purupurus; os Katukinas e os Nawaes [Kapanawas?], que são antropófagos. Sobre o grande rio Chiruã se encontram os Katawishes, os Kulinos e os Purus [...].

O Purus é certamente o maior dos rios do Solimões. Eu encontrei na Barra um homem chamado Joaquim Bruno de Souza que me deu informações muito precisas sobre este rio. Subindo a partir do Amazonas [Solimões] encontra-se, em três dias de marcha, à esquerda [leia-se à direita], o grande lago Ayapuá, no qual há um assentamento de índios Muras civilizados e vestidos, e a três dias deste ponto outro assentamento da mesma nação [e seguem-se outros rio acima] [...] [Mais acima, abre-se a boca do rio Tapauá]; suas margens são habitadas pelos índios Cipó, que andam nus, mas são mansos e preparam farinha de mandioca; a sua aldeia principal fica num pequeno lago de nome Uruá, dois dias pelo Tapauá acima [...].

[Na Barra do Rio Negro] fomos recebidos com hospitalidade por diversas famílias; as senhoras da Barra nos pareceram tomar mais parte

nos prazeres da vida em sociedade do que as da maioria das vilas do Brasil e muitas delas eram bastante graciosas. Foi somente na vila da Barra que pudemos mandar fazer calçados e peças de vestuário de que estávamos precisando há tempo.

Eu tinha ouvido falar de vasos antigos contendo ossadas, que tinham sido encontrados nesta vila; fiz-me levar a esses locais e pudevê-los em grande número nas próprias ruas da Barra. Tinham sido enterrados, mas obras realizadas na maioria dos lugares os haviam feito aflorar e estavam quebrados ao rés do chão. Um ancião disse-me ter visto um que continha ouro, e soube do comandante que haviam sido desenterrados diversos deles com ornamentações curiosas em forma de animais e principalmente de macacos. Mandei desenterrar alguns que não continham ossos, e os oito índios que empreguei nessa tarefa não apresentaram qualquer repugnância. Estes vasos tinham em geral 60 centímetros de altura, mas estavam truncados e deviam ter tido pelo menos mais 20 centímetros. O seu diâmetro era de 68 centímetros e a sua espessura de cerca de 5 milímetros. Em volta da sua embocadura, e muitas vezes também em seu interior, haviam sido colocados ladrilhos curvos. Eu consegui obter um deles inteiro e procurei retirá-lo, mas era tão friável que em breve se reduziu a pó. Os vasos estavam enfileirados um junto a outro, e visivelmente tinham servido de sepultura a uma população antiga. Também tive informações sobre várias outras antiguidades que tinham sido encontradas nos arredores.

Estou convencido de que o baixo Amazonas irá proporcionar um dia um grande campo de estudos aos arqueólogos. De fato, por exemplo, o nome [original] da vila de Serpa [Itacoatiara], que na língua geral significa “pedra gravada”, origina-se provavelmente de terem sido achadas, entre os seixos da praia, umas figuras que, pelo que me foi dito, se assemelham às do Peru. Infelizmente, à época da minha viagem, aquela praia estava coberta pelas águas, que na estação chuvosa sobem até 12 ou 15 metros. Foi-me falado, entre outras coisas, de um tatu de pedra que tinha sido visto por diversas pessoas. Foi-me também assegurado que no rio Negro havia inscrições gravadas nas pedras, bem como figuras de animais entre as quais citavam-se uma ave de rapina, um jacaré, etc. Seriam elas procedentes dos Caripunas ou dos Zurinas, que conforme o padre Acuña<sup>21</sup> (cap. 63) tinham “uma aptidão admirável para os trabalhos manuais e que, sem outras ferramentas senão as dos demais índios,

<sup>21</sup> ACUÑA, Cristóbal de. *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*. In: ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memorias para a historia do extinto Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro: Hildebrandt, 1874, v. 2, p. 57-143 (texto conforme a 1. ed., Madri, 1641).

faziam banquinhos em forma de animais, estátuas humanas e outras figuras<sup>22</sup> com surpreendente perfeição”? Os machados que por aqui se encontram amiúde e que são atribuídos às Amazonas, parecem ser de um feldspato ordinário verde; não se sabe de onde provém.

Deram-me também, na Barra, fragmentos de jade que haviam sido encontrados na areia do rio Negro: eram pequenos cilindros em forma de contas de rosário, em tudo semelhantes aos que se encontram nos túmulos antigos do velho mundo. Os índios lhes atribuem virtudes medicinais. Não foi possível saber de que lugar vinha esse mineral; os índios só diziam que não eram do país. Pode ser que a sua origem deva ser buscada nas primeiras migrações da raça vermelha; torna-se difícil não admitir que um povo mais civilizado que os índios atuais tenha habitado outrora esta região. Para terminar este assunto, diversas pessoas me falaram de uma grande estátua que havia sido levada a Santarém; voltarei a ela quando tratar desta vila.

Nos arredores da Barra fomos conhecer a cachoeira de um igarapé que passa perto da vila. É formada de dois degraus, o primeiro de 1 metro de altura e o outro de uns 3 metros e meio. Neste lugar há uma serraria que só trabalha seis meses ao ano por causa do excesso de água na estação das chuvas [...]. Uma vez que as árvores das vizinhanças são, em geral, de pequeno porte, o dono do empreendimento mantém sempre certo número de barcos no rio Amazonas, incumbidos de pegar, na passagem, as grandes toras de cedro que o rio carrega; são vendidas em tábuas, ao preço de 50 a 80 réis o pé quadrado [...].

No dia 15 [de fevereiro] deixamos a Barra, tendo trocado as nossas duas canoas por um barco maior, que deslocava 600 arrobas, emprestado pelo Sr. Henrique, negociante da vila que nos havia generosamente hospedado. Içamos o pavilhão imperial e partimos com um suboficial, doze soldados e dez índios. Dois chefes Mundurukus nos escoltavam em suas canoas com uma dúzia de seus índios. Com vento contrário, só conseguimos chegar à embocadura do rio [Negro] às quatro horas da tarde, quando fomos surpreendidos por um forte temporal. Para poder percorrer no menor tempo possível esta parte do rio [até Belém], hoje bem conhecida principalmente graças aos trabalhos do Sr. de Montravel, eu mandara equipar a frente do barco com um fogão e assim só precisar desembarcar nas localidades mais interessantes.

No dia 16, pelas duas horas, passamos defronte a umas cabanas de índios Muras. Uma hora mais tarde alcançamos a boca do rio Madeira, que eu planejara subir para entrar no canal de Tupinambarana; mas a

<sup>22</sup> Na verdade Acuña (1874 [1641]) só menciona banquinhos em forma de animais.

correnteza deste rio nos pareceu tão forte, e nós tínhamos tanta pressa de concluir a viagem, que continuamos a descer o Amazonas. Nos pontos onde o seu leito não era obstruído por ilhas, o rio tinha cerca de 1 léguas e meia de largura. Às dez da noite passamos defronte a Serpa [Itacoatiara]. No dia 17, pela manhã, enfrentamos um temporal; as ondas ficaram tão fortes que o homem ao leme se confundiu e o barco, sem rumo, esteve a ponto de socobrar.

No dia seguinte choveu continuamente e às cinco da tarde chegamos à Vila Nova da Rainha [Parintins], localizada numa ribanceira alta cuja base é formada de conglomerados ferruginosos. As casas ficam afastadas umas das outras, ao longo de uma rua um tanto irregular. Depois de percorrê-la, voltamos a embarcar. Toda esta formação é de um grés quartzoso ferrífero, com o metal no estado de hidrato e de peróxido. Embora com algumas alterações, essas rochas se encontram ao longo de todo o baixo Amazonas, desde o ponto onde cessam as camadas argilosas.

No dia 19, pela manhã, o mar, como o rio é chamado aqui, estava muito agitado. Encontramos diversas canoas indígenas com velas de palha. O nosso barco avançava mal; mandei arrumar a estiva, mas os nossos esforços não deram grande resultado. Ao anoitecer chegamos a um pequeno sítio chamado Maué-Açu, constituído de duas casas e uma capela; havia diversas mangueiras. Conforme as tradições do país, as amazonas haviam estabelecido aqui uma de suas aldeias. Durante toda a noite tivemos uma sucessão de temporais e fomos obrigados a amarrar o barco a uma árvore. Às nove da manhã [do dia 20] avistamos uns outeiros e em breve chegamos a Óbidos, numa colina argilosa cortada a pique sobre o rio. Ela é cercada de matas e suas longas casas brancas encimadas por grandes telhados formam um agradável contraste com o verde escuro das árvores; logo abaixo dela há outro morro, também coberto de mata. A vila tem cerca de 120 casas e uns mil moradores. A freguesia toda tem cerca de 10 mil almas, das quais a décima parte é de escravos; em Óbidos há um batalhão da guarda policial. Aqui fomos informados de que o rio Trombetas pode ser subido durante seis dias sem enfrentar cachoeiras e que pelo rio Erepecuru [Paru do Oeste ou Cuminá] pode-se chegar ao Oiapoque [...]. Os índios desta região são os Arauakís e os Parauakís<sup>25</sup>, que andam nus mas não são hostis [...].

Exporta-se [de Óbidos] muito peixe salgado, cacau e breu; cada um desses produtos vale 2 mil réis a arroba. Do breu existem duas

<sup>25</sup> O mapa de Nimuendaju situa os Arauakí no baixo rio Uatumã entre 1854 e 1852 e os Pariquy na mesma região e época. É possível que haja uma alteração na grafia, mas não se trata da mesma região.

variedades: o carawatahisica<sup>24</sup>, que é pardo e amarelado, e o almecico<sup>25</sup>, que só se encontra em pedaços pequenos. A igreja de Óbidos, apesar da simplicidade, é muito linda no interior; localiza-se num dos lados da praça, na qual também se encontra a prisão. Ao fundo, numa altura, há o cemitério e ao seu lado uma pequena capela. Para minha surpresa encontrei um pequeno colégio com onze alunos vestindo hábito e outros seis ainda sem ele. Ensinava-se lá filosofia, retórica, latim, francês, espanhol e geografia. Havia muitos livros impressos no nosso idioma [francês]. Fomos recebidos muito amavelmente por um negociante, o senhor Monteiro, e como ele compreendia a língua geral dos índios eu lhe pedi que conseguisse com eles informações sobre a tradição das Amazonas, cujo principal estabelecimento havia sido, afirma-se, no rio Trombetas. Diversos anciãos que ele interrogou lhe asseguraram que uma nação de mulheres havia realmente existido, outrora, no país, e que ainda são encontradas, às margens do rio, suas ossadas dentro de vasos semelhantes aos que tínhamos visto na Barra. Eu soube em [Belém do] Pará, que na ilha de Marajó também se encontram vasos da mesma espécie, no lugar que por isso é chamado os Camutins; estão enterrados numa colina e parecem conter os restos de uma tribo hoje extinta.

[Partimos] na manhã do dia 21 [...]. À noite entramos num braço estreito na margem direita do rio e ao final de uma légua estávamos no rio Tapajós ou Preto, quase em frente à vila de Santarém [...]. Eram onze da noite e a doce claridade da lua iluminava a mais encantadora das paisagens; à nossa frente, ao longo de uma bela praia, estendiam-se as casas e edifícios da cidade, de um tipo que há muito tempo não víamos [...]. A cidade deve ter duas centenas de casas e sua população é de 2 a 3 mil almas. Os escravos são numerosos e a guarnição militar é composta de cem homens. As melhores casas situam-se ao longo do rio e a maioria delas são de dois andares. A igreja é grande e bonita, com duas torres altas [...]. Visitamos as ruínas de um velho forte de terra batida que domina a cidade: é um quadrilátero regular com um baluarte em cada canto; destinava-se originalmente a proteger os novos assentamentos das incursões dos selvagens; hoje serve de prisão [...].

O comandante [da guarda] nos presenteou com alguns artefatos dos índios Mundurucus. O seu toucado consiste de uma espécie de capacete de plumas de papagaio que se prolonga atrás com longas

<sup>24</sup> Carawatahisica é um termo composto de carauatá ou caraguatá (diversas bromeliáceas) e icica (breu).

<sup>25</sup> Provavelmente, este é um termo derivado do espanhol, “almea”, árvore das alismáceas que produz uma resina (tipo benjoim) usada por caboclos e índios.

penas de arara. Vimos na casa dele uma onça perfeitamente mansa e ele nos mostrou uns belos cestos feitos pelos índios das redondezas [...]. Assim que cheguei a Santarém, procurei me informar sobre o destino da estátua que cheguei a mencionar mais acima. Foi muito difícil fazer entender o que procurava, mas enfim um homem me disse que no pátio de uma casa havia um macaco de pedra. Ele me levou até lá e de fato encontrei uma estátua que representava um ser humano em tamanho natural. O seu feitio grosseiro indicava um estado pouco avançado da arte; a cabeça era muito prolongada para trás, como os crânios muitas vezes encontrados nos túmulos peruanos. Conforme a tradição local, a estátua representa uma amazona e a sua postura poderia talvez confirmar essa opinião; de fato, ela parece esconder os seios com as mãos e tem entre os pés a imagem do sexo masculino. A estátua foi-me imediatamente oferecida pelo seu proprietário; eu a levei para a França e agora se encontra no Museu do Louvre. Ela havia sido encontrada fincada de pé no solo, numa mata espessa. Acredito que seja o único monumento do gênero até hoje encontrado no Brasil [...]. Diversas pessoas, em Santarém, falaram-me de pequenas figuras de tatus, crocodilos, etc., encontradas em Óbidos, e de uma inscrição existente num rochedo em Alter do Chão<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Marcoy registrou com alguma imprecisão a suposta procedência da estátua: “[...] uma das casas da Barra teve durante muito tempo como soleira uma estátua de pedra traquítica representando um homem-macaco de olhos semicerrados, braços cruzados no peito, de cócoras e exibindo inteiramente aqueles símbolos que os sacerdotes egípcios carregavam durante os mistérios fálicos [...]. Esta imagem fora descoberta [...] na fronteira do Brasil com a Nova Granada, perto das cabeceiras do rio Uaupés, por uns carmelitas portugueses [...] eles a recolheram e a levaram de barco até a sua missão de Nossa Senhora de Caldas, no rio Negro [...]. Mais de meio século depois [...] a estátua desembarcou na Barra, onde ficou. Em 1847 um nobre viajante [Castelnau] [...] a levou triunfalmente para a França oferecendo-a ao Museu do Louvre [...]. O curador contentou-se em designá-la no catálogo como n. 270 – *Estátua de macaco*. Altura 1,35 metro (op. cit. p. 174-175).

Métraux (1950, p. 168 e prancha 5) publicou-lhe uma foto do acervo do museu parisiense do Trocadéro (hoje Musée de l'Homme). Ele não endossa a hipótese de Castelnau de uma amazona ostentando um membro masculino e a descreve como “um personagem agachado, de mãos cerradas contra o peito. Os traços do rosto, completamente desgastados, são apenas perceptíveis. Na nuca havia originalmente uma protuberância, hoje quebrada. As orelhas são indicadas por duas ligeiras depressões. O peito tem uma proeminência que devia reproduzir um objeto não identificado que o personagem segura contra si. As pernas são de uma magreza desproporcional ao resto do corpo. Os pés mostram-se retorcidos e providos de quatro artelhos. Os órgãos genitais são indicados acentuadamente. Material: grés traquítico. Altura 1,35 centímetros; largura máxima 20 centímetros”.

Santarém é o centro de um comércio muito ativo. Leva-se a Cuiabá, pelo rio Arinos, guaraná, sal, ferro, aço, faiança, vinhos finos como moscatel e champanhe, cuias pintadas, trançados de Hamburgo, etc. No retorno, trazem ouro em pó, diamantes e couros; estes últimos não valem mais que 320 reis no Mato Grosso e são vendidos facilmente, em Santarém, por 3 mil. Os barcos empregados nestas viagens levam de mil a 1.500 arrobas; galeotas de 5 mil arrobas sobem o rio até Itaituba em quinze ou vinte dias. Um construtor de barcos se estabeleceu no rio Trombetas e eu vi diversas galeotas saindo de seu estaleiro [...].

No dia 25 continuamos nossa viagem e, no dia seguinte, passamos por Monte Alegre. As tempestades não cessavam e durante quase todo o dia 27 aguardamos amarrados a uma árvore, uma vez que o mau estado da nossa embarcação não a faria resistir ao furor das águas. No dia 28, ao amanhecer, estávamos defronte a Outeiro [Prainha] e às três horas defronte ao lago de Oruará. No dia 29, o mau tempo se transformou de novo numa tremenda tempestade; às seis da tarde lançamos âncora junto à margem, mas a fúria do vento era tal que a amarra logo se rompeu. Estávamos sendo levados pela correnteza e teríamos inevitavelmente naufragado, quando conseguimos lançar outra corda até a margem e prendemos firmemente o barco, pelas duas extremidades, a duas enormes árvores. Ficamos então ocupados, continuamente, a esvaziar o barco da água que entrava em abundância.

No dia 1º de março, ao amanhecer, passamos defronte a uns belos morros de cume plano e cobertos de mata; a vegetação das margens é constituída de palmeiras esbeltas chamadas javaris. Em breve chegamos ao povoado de Almeirim, que não oferece nada de interessante. Sua população é de 404 habitantes, sendo 179 homens e 225 mulheres. Os povoados de Arraiolos e Espoende pertencem à mesma freguesia: o primeiro com 176 moradores, sendo 96 mulheres e oitenta homens, e o segundo com 196, sendo 94 homens e 97 mulheres [sic]. Os estrangeiros eram dez, sendo nove portugueses e um espanhol, e havia 24 casas. Colhe-se nos arredores muito bom café, castanhas do Pará (*Bertholetia*), cravo (*Myrtus pseudo-caryophyllus*), algum tabaco e se produz farinha de mandioca e peixe salgado [...].

A 2 de março, pelas duas horas da manhã, chegamos à embocadura do rio Xingu, que não é muito ampla apesar do seu curso, em grande parte desconhecido, parecer considerável. É praticamente o único rio [do Brasil] central sobre o qual não consegui informações precisas, por não ter encontrado ninguém que tenha ultrapassado as cachoeiras que começam acima de Souzel. De resto é pouco provável que este rio venha servir algum dia à navegação comercial. Às três da tarde a temperatura era de 32 graus. Enveredamos por um canal estreito pelo qual se

chega perto de Gurupá, onde chegamos ao amanhecer. Nos campos da região avistam-se muitos bois. A vila sobredita é bastante precária; suas casas mal-ajambradas delimitam duas ruas paralelas ao rio, tomadas por capim alto. Há uma igrejinha bastante antiga e um recinto armado com alguns canhões em mau estado, onde encontramos um comandante militar com patente de major. Um dos soldados havia estado na Europa e nas Índias. Neste lugar não conseguimos sequer nos abastecer de bananas e éramos seguidos a toda hora por moradores do local que nos pediam comida.

Oito ou dez léguas abaixo de Gurupá vê-se ainda a água clara do Xingu acompanhando a margem direita do Amazonas e contrastando com a água lamacenta deste rio o qual, tomado neste ponto por diversas ilhas, não apresentava ter grande largura; suas margens estavam tomadas por magníficas matas de Buritis [...]. Pela meia noite chegamos à extremidade da ilha de Gurupá e ao meio dia seguinte deixamos o Amazonas e entramos por um braço da margem direita conhecido como Cano do Ituquara<sup>27</sup>, que terá o dobro da largura do Sena em Paris. As embarcações maiores são obrigadas a continuar a navegação pelo Amazonas e a contornar a ilha de Marajó para chegar à cidade [de Belém] do Pará. O canal que nós tomamos se lança no do Limão, que é muito estreito e ao qual chegamos deixando à nossa esquerda o curso principal [...]. No dia 5 continuamos a navegação [...]. Às nove da noite chegamos à Vila de Breves, que tem uns 150 habitantes; prosseguimos rio abaixo por mais meia légua até a fazenda do comandante; vimos lá grande número das belas árvores de cor violeta chamadas “pau roxo”. Uns índios da nação dos Amanayé Tapuias, que vivem no rio Pacajá, vêm às vezes negociar com os moradores da fazenda [...]. À noite saímos ao rio e aguardamos a maré [...].

No dia 16 [de março de 1847], finalmente, aportamos em frente à cidade [de Belém] do Pará [...]. Fomos muito bem recebidos pelo presidente da Província, Sr. Herculano Ferreira Pena [...] e por todos os moradores da cidade, que sabendo do meu interesse pela história natural não cessavam de nos enviar os animais mais curiosos. A província do Pará é tão rica desses gêneros que os xerimbabos (é assim que eles chamam os animais domesticados) constituem o presente que mais amiúde eles oferecem aos estrangeiros. Seria fácil, portanto, encontrar aqui animais que seria útil naturalizar em outras regiões [...].

<sup>27</sup> O autor se refere ao atual Canal do Vieira, que corre ao longo da ilha de Ituquara e que, na época em que o texto foi escrito, pode ter tido esse nome.

Em relação ao comércio, o rio Amazonas irá oferecer, no futuro, oportunidades excepcionais, pois além do açúcar, do café, do algodão e da goma elástica, poderão ser extraídas quantidades imensas de salsaparilha, de quinquina, de baunilha, dos produtos conhecidos no Pará como copal, incenso e estoraoke; excelentes fibras de palmeira, peixe salgado, cera branca e escura, a chamada cera de loureiro, belas madeiras de ebanesteria e de carpintaria, corantes e entre eles, principalmente, o que dá a bela cor violeta dos índios [peruanos] Yaguas; e por fim eu chamaria a atenção para um produto que me parece destinado a desempenhar um papel na indústria europeia: falo da seda vegetal obtida de uma grande árvore da família das bombacáceas [a paineira] com a qual, como experiência, eu mandei fazer por um artesão de Cuzco um belo chapéu [...].



**Figura 01 – Retrato de Francis de Castelnau. L'Illustration, Paris, 1847.**



**Figura 02** – Vista de Tabatinga, posto militar brasileiro na fronteira colombiana. Castelnau, Expedition. Part 2: Vues et scènes. Paris, 1852, prancha n. 60. Reprodução cortesia Museu de Zoologia da USP.



Figura 03 – Figura humana de cócoras. Estátua em pedra traquítica tida como procedente do alto rio Uaupés. Levada para Manaus e depois a Santarém, foi adquirida por Castelnau, que a ofereceu ao Museu do Louvre. Atualmente no Musée de l'Homme, Paris. Castelnau, *Expedition. Part 3: Antiquités des Incas et autres peuples anciens*. Paris, 1854, prancha n. 62. Reprodução cortesia do Museu de Zoologia da USP.